

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
À FLOR DA PELE  
14 de agosto de 2025

## **SOCIETY / 1989** *“A Sociedade”*

Realização: Brian Yuzna / Argumento: Rick Fry, Woody Keith / Fotografia: Rick Fichter / Som: Clancy T. Troutman / Música: Phil Davies, Mark Ryder / Direção artística: Kelle DeForrest / Guarda-roupa: Robin Lewis West / Maquilhagem e efeitos especiais: “Screaming Mad George”, Nick Benson, Guy Himber / Casting: Donna B. Anderson / Montagem: Peter Teschner / Produção: Keizo Kabata, Terry Ogisu, Keith Walley, Paul White / Elenco: Billy Warlock, Devin DeVasquez, Evan Richards, Charles Lucia, Patrice Jennings, Heidi Kozak, Ben Slack, David Wiley / Cópia: 35mm; cores; 99 min; legendada electronicamente em português / Estreia mundial: 12 de Maio de 1989, Festival de Cannes.

### **A sessão tem lugar na Esplanada 39 Degraus**

---

Os fãs do cinema de terror conhecerão, certamente, o trabalho de Brian Yuzna: produtor de um mítico **Re-Animator** (1985) e realizador das suas sequelas **Bride of Re-Animator** (1989) e **Beyond Re-Animator** (2003), Yuzna iria ainda assinar outras obras de culto como **The Dentist** (1996) ou criar, enquanto argumentista, o não menos célebre (e mais familiar) **Honey, I Shrunk the Kids** (1989). Todos estes trabalhos, sem excepções, marcaram presença em muitas prateleiras de clubes de vídeo para fazer as delícias de milhares de crianças e adolescentes, sobretudo os que tiveram pais mais permissivos ou que lhes roubavam o cartão de cliente para alugar os seus filmes às escondidas. Isto porque, tal como outros filmes que imediatamente associamos à existência do VHS (as defuntas cassetes de vídeo), as suas estranhas histórias continham, muitas vezes, imagens que se destinavam a *chocar* o espectador: não por uma busca gratuita do escândalo, mas pela sua atracção por um cinema fantástico em tons *gore* e surrealistas, e que se focavam, várias vezes, nos contextos familiares suburbanos que os espectadores conheciam nas suas próprias casas. Quantas crianças e adolescentes não terão imitado, por isso, aquilo que viam nessas cassetes ou dormido com sonhos e pesadelos sobre aquilo que as suas histórias lhes contavam? Muito contribuiu para isso, também, o trabalho de maquilhagem e de efeitos especiais do japonês “Screaming Mad George”, que deixou a sua marca noutros clássicos do género como **A Nightmare on Elm Street 3** (1987) e **4** (1988), **Predator** (1987), ou ainda o mais recente **This Is The End** (2013), e que a última meia-hora de **Society** (1989) trata de exhibir em todo o seu “esplendor” (subsistindo, hoje em dia, como amostra visceralmente histórica de um tempo pré-CGI).

Para além do evidente gozo que estes filmes provocam, tanto nos seus espectadores como nas equipas que trabalharam neles, obras como **Society** tornaram-se em trabalhos de culto por falarem, evidentemente, de questões muito sérias. A paranóia da sua personagem principal, e a confirmação de todos os seus medos, encontra um paralelo, ainda hoje, nas questões que apoquentam qualquer cidadão de classe-média deste novo século: a corrupção da elite que a dirige, a promiscuidade total entre o poder político e financeiro, e a desvirtuação dos valores progressistas, na sociedade, para favorecer uma minúscula minoria milionária de “one-percenters”, cuja subsistência persiste, fundamentalmente, na maneira como se alimenta dos outros 99% da população.

Se a direcção de actores costuma ser desprezada neste filmes (seja por questões, mais uma vez, de gozo, ou por se concentrar as atenções de realização e produção nos seus momentos mais irrealistas) não deixa de ser interessante como o casting, pelo contrário, torna-se numa das suas partes essenciais. Billy Warlock, personagem principal de **Society**, existe, desde o início, como um elemento à parte da sua família rica. Por outras palavras: se Michael J. Fox era o “rapaz do lado” dessa época, representando, no cinema americano, os adolescentes e jovens adultos da classe média suburbana, Billy Warlock poderia ser o equivalente, na mesma faixa etária, como o “rapaz bonito” da classe operária ou popular. Não por acaso, Warlock estreava-se, em 1989, numa série de televisão que acabaria por se tornar numa das mais vistas de sempre: **Baywatch** (**Marés Vivas** no título português), e cujo papel encaixava, perfeitamente, naquilo que oferecia ao (pequeno e grande) ecrã.

Se a crítica social e política, em **Society**, é bem evidente, outra questão alimenta-o ainda (*no pun intended*) de maneira decisiva, tal como muitas outras obras que olham para a adolescência suburbana norte-americana: o medo do sexo. Nas décadas seguintes, outros filmes iriam explorar, por isso, as paranóias adolescentes de uma forma mais ou menos aterradora (ou cómica), embora nenhum deles o tenha feito, provavelmente, como o exemplar **Donnie Darko** (filme que referimos, entre tantos outros, por encontrarmos pequenos ecos no filme de Yuzna, apesar das devidas diferenças). Se todo o filme se dirige, desde o título até à cena final, a uma crítica social e política, não deixa de ser curioso como todas as suas cenas, quase sem excepção, vivem pela tensão sexual que existe entre personagens, objectos, ou fantasias. Desde o início que se adivinha que algo de “errado” se está a passar, embora ela existia, em primeiro lugar, pela visão que Billy tem dos corpos dos outros e daquilo que eles podem fazer com o dele. Passa também por aí a pressão que a personagem sente, não apenas por tentar corresponder a um papel social, exigido por pais e colegas, mas por uma vida sexual de que todos falam, à sua volta, e que ele ainda não sabe como resolver. Apesar de todo o contexto político do filme e de toda a bizarria dos seus efeitos especiais, **Society** é uma história bem mais íntima e universal do que se poderia julgar à partida.

Francisco Valente